

O obsceno e a homossexualidade: considerações a partir da psicanálise ontológica

Alexandre Patricio
de Almeida

À guisa de introdução

Mas meu corpo não me obedecia, e as ofensas recomeçavam. Os adultos do vilarejo me tachavam de afetado, afeminado, e nem sempre o diziam como insulto, com a entonação que o caracteriza. Eles as diziam às vezes com espanto *Por que ele escolhe falar e se comportar como uma mocinha se ele é um garoto? É estranho o seu filho, Brigitte (minha mãe), se comportar assim*. Esse espanto me fechava a garganta e me dava um nó no estômago.

(Louis, 2018, p. 89)

A prática psicanalítica, desde a sua criação original, carrega em si uma promessa de liberdade: a de que, no espaço protegido do consultório, a fala possa emergir sem censura. Contudo, quando o sujeito homossexual ocupa o divã, essa promessa frequentemente se desfaz diante de escutas marcadas por uma ética heteronormativa, que insiste em moldar a nossa essência em categorias pré-determinadas. Essa forma de escuta não é neutra; ao contrário, é violenta, pois transforma o desejo homossexual em algo obsceno – aquilo que deveria permanecer fora de cena, escondido nos bastidores da experiência subjetiva.

De forma paradoxal, Freud (1905/2016) nos ensinou que a sexualidade é Eros, é vida – a força que move o ser humano para além de si, abrindo caminho para a alteridade, para o risco, para a criação. É precisamente aí que a escuta psicanalítica revela sua potência: ao acolher esse impulso como gesto inventivo, como energia que desestabiliza e expande o campo do possível.

Alexandre Patricio de Almeida. Psicanalista. Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Criador do podcast *Psicanálise de Boteco*. Finalista do Prêmio Jabuti (2023). alexandrepatriciodealmeida@yahoo.com.br

Neste artigo, discuto como a postura heteronormativa expõe uma série de contradições entre os fundamentos da psicanálise e certas práticas que, ao invés de ampliar, restringem o alcance transformador da experiência analítica. Além disso, cabe destacar que, embora a nossa teoria tenha inaugurado um terreno fértil para pensarmos a complexidade do devir humano, nem sempre ela conseguiu sustentar a liberdade daqueles que escapam às normas sociais hegemônicas.

Para desenvolver essa reflexão, utilizo as ideias de D. W. Winnicott sobre o valor da espontaneidade e o verdadeiro self como bases para pensar uma ética mais empática e acolhedora. De forma adicional, proponho uma articulação teórica que inclui os conceitos de Wilfred Bion, com destaque para a ideia de “transformações em O”, em que o autor nos alerta para a importância de sustentar a experiência do “incognoscível” – aquilo que está além do discurso explícito, mas que se manifesta na relação analítica.

Escolhi trabalhar com esses dois grandes autores, pois, segundo Thomas Ogden (2020), ambos compõem o que ele denominou de “psicanálise ontológica”, ou seja, um *estilo clínico* – por assim dizer – em que a preocupação central não é tanto a interpretação de conteúdos inconscientes, mas a criação de um vínculo relacional que permita o surgimento do ser em sua autenticidade. Esse ponto de vista nos leva a pensar a análise como um processo vivo, pulsante.

Vale lembrar, entretanto, que tal mudança na postura analítica pressupõe uma *ética do não saber*, isto é, um compromisso com o mistério sem a urgência de decifrá-lo ou categorizá-lo imediatamente. Aqui, Winnicott e Bion se encontram, reforçando que o fundamental na clínica não é oferecer respostas, mas preservar perguntas. Não se trata de exercer algum domínio, mas de se entregar à disponibilidade inédita do encontro. É nessa zona aberta e acolhedora que a psicanálise pode, afinal, realizar sua promessa de liberdade, permitindo que o sujeito homossexual – assim como qualquer outro – encontre um lugar onde seu desejo seja mais que tolerado; seja festejado como núcleo vivo de sua existência.

Obsceno: fora de cena ou dentro do olhar?

A obscenidade, como nos lembra Baudrillard (2001), não é aquilo que não pode ser visto, mas aquilo que foi *arrancado* de seu lugar e exposto em uma visibilidade absoluta. O autor argumenta que, na modernidade, a distinção entre o que deve estar em cena (o que é apresentado) e o que deve permanecer fora de cena (o obsceno) foi obliterada. Dessa eliminação resulta em uma sociedade na qual a privacidade é invadida e tudo se

torna visível e disponível, levando à perda da sedução e da ilusão que antes caracterizavam as interações humanas¹.

No campo analítico, isso ocorre quando o desejo do paciente é interpretado ou observado à luz de padrões normativos – pré-estabelecidos na mente do analista –, recusando-se a deixar que ele floresça em sua própria lógica. Tal gesto, mesmo sutil, empurra o desejo homossexual para fora da legitimidade psíquica, aprisionando-o no lugar do “outro” dentro do discurso. Como bem destaca Eduardo Leal Cunha:

Toda a luta, aliás, das ditas minorias sociais, das sexualidades menosprezadas, mas também negros e mulheres, tem sido em torno da visibilidade e da apropriação e enunciação do discurso sobre si e sobre seu desejo. Não deixa de ser incômodo que a disciplina surgida na fala desqualificada das históricas tenha se posicionado recorrentemente do que me parece o lado errado desse debate, sem se dar minimamente conta dos perigos representados por uma psicopatologia de viés normalizador e constantemente empregada como ferramenta de controle social (Cunha, 2020, p. 184).

É nesse momento que repensar a nossa ética² se torna essencial. Ora, a nossa escuta não pode ser uma espécie de espelho de valores culturais, mas um território em que o obsceno – no sentido de “fora da cena normativa” – possa ganhar vida. Em outras palavras, se não quisermos fazer parte desse dispositivo de segregação social, é condição indispensável que nós, analistas, revisemos nossa posição nessa ordem discursiva que é também um regime de poder.

Como dito anteriormente, desde Freud (1905/2016), a psicanálise opera uma transformação radical em nossa compreensão da sexualidade, retirando-a do domínio patologizante para posicioná-la como parte viva e universal da condição humana. Ao afirmar que toda criança é, em essência, perversa polimorfa, Freud dismantelou os alicerces normativos e abriu caminho para reconhecer na sexualidade adulta a permanência do infantil – essa inquieta busca pulsional por satisfação. Na lógica freudiana, é justamente por ser parcial, fragmentada e transgressora que a sexualidade é *perversa*: a pulsão (*Trieb*) ignora limites, elegendo partes diversas do corpo alheio como objetos privilegiados do desejo. Por isso mesmo, o desejo humano excede qualquer tentativa de classificação, habitando uma dimensão pulsional que é, por definição, ilimitada.

Com efeito, a prática homossexual não pode ser entendida como um sintoma, nem um desvio ou um indício de loucura; trata-se, pois, de uma escolha de objeto que pode se manifestar em qualquer confi-

1 Esta seção do artigo toma como ponto de partida a CARTA CONVITE da revista, cujo título é “O obsceno”. A ideia central proposta naquele documento percorre também outros parágrafos desta seção, funcionando como fio condutor da reflexão.

2 Kehl (2023) entende que a ética em psicanálise está ligada à abertura radical para acolher o inconsciente do outro sem submetê-lo a preconceitos ou modelos preestabelecidos. Nessa perspectiva, toda tentativa de enquadramento heteronormativo revela-se antiética, pois trai o compromisso psicanalítico com a singularidade do sujeito e a imprevisibilidade do seu desejo.

guração subjetiva. O próprio Freud exemplifica isso nos grandes casos clínicos, em que a homossexualidade aparece como um elemento psíquico relevante, mas nunca reduzido à prática sexual em si. Em Dora, no Homem dos Lobos, no pequeno Hans e em Schreber, vemos a complexidade do desejo homossexual surgir como um componente da dinâmica psíquica singular de cada sujeito.

No caso Schreber (Freud, 1911/2010a), por exemplo, o mestre de Viena analisa a irrupção de um desejo homossexual passivo, expresso no delírio de transformação em mulher e na relação persecutória com figuras masculinas de autoridade. Esse fenômeno se inscreve no âmago de uma intensa luta psíquica travada entre as pulsões e as defesas do Eu. De forma semelhante, no caso o Homem dos Lobos, Freud (1918 [1914]/2010b) observa como o impulso homossexual foi redirecionado e deslocado, assumindo formas diversas ao longo do amadurecimento emocional de Sergei Pankejeff (Almeida e Naffah Neto, 2025).

Seguindo por essa via, Freud vai além e propõe, em um manuscrito de 1931³, que a libido homossexual sublimada desempenha um papel crucial no laço social e na continuidade da humanidade. Ou seja: ele argumenta que é esse elemento sublimado que une os seres humanos em fraternidade, possibilitando a coesão social. Aqui, a homossexualidade deixa de ser vista como marginal para se tornar um pilar essencial da vida comunitária. Freud vislumbra na libido homossexual sublimada a possibilidade de uma sociedade mais inclusiva. Contudo, esse ensaio permanece amplamente desconhecido no meio científico brasileiro, tendo sido publicado em português apenas em 2018.

Quando vejo a homossexualidade ser lançada para *fora da cena*, percebo que não estamos somente reforçando preconceitos já tão estabilizados em nossa cultura; estamos encolhendo o potencial revolucionário daquilo que fazemos. A psicanálise deveria, afinal, receber as diversas formas de existir, e não as sufocar sob conceitos estreitos.

Não obstante, pergunto se, ao recusar uma revisão mais implicada da nossa postura diante do desejo homossexual, não acabamos cúmplices daquela lógica denunciada por Baudrillard (2001) – uma lógica que exhibe sem entender, dissecar sem acolher, rotular para controlar e nomear para neutralizar.

Em contrapartida, o obsceno, enquanto categoria que nos desafia a olhar para aquilo que foi colocado à margem, representa uma ferramenta conceitual importante, sobretudo para repensarmos a direção da escuta analítica. Explico melhor: em vez de rejeitar ou tentar “normalizar” o desejo homossexual, seria mais coerente acolhê-lo como parte constitutiva do campo de Eros, do desejo, da vida propriamente dita.

3 Cito, aqui, um trecho do referido manuscrito: “Talvez não seja um acaso que a difusão do cristianismo no mundo durante os primeiros séculos após o nascimento de Cristo tenha coincidido com uma extraordinária regressão da expressão direta da homossexualidade e uma supressão desta. Essa expressão direta se tornou desnecessária. A identificação com Cristo ofereceu à homossexualidade uma forma de expressão que não somente encontrou tolerância na sociedade, mas que também precisava estar de acordo com o supereu, que de fato sempre anseia por uma semelhança com Deus. Cristo é justamente a conciliação mais perfeita de masculinidade e feminilidade” (Freud, 1931/2018, pp. 79-81).

Frente a isso, considero que a nossa prática clínica encontra um dos seus maiores desafios: sustentar a tensão entre a luz e a sombra, entre o dito e o não dito, sem ceder ao impulso de desvelar tudo ou de apagar o que incomoda. Esse equilíbrio, delicado e ético, é o que permite que o desejo – em todas as suas configurações – floresça como força vital, sem ser reduzido ao que é considerado aceitável ou apropriado.

A seguir, compartilho uma breve vinheta clínica para que possamos expandir a nossa discussão.

Pedro e a reconstrução do silêncio

Pedro tinha por volta de trinta anos quando me procurou. Advogado, gay assumido desde os vinte, trazia em seu semblante uma mistura de cansaço e resistência. “Já fiz terapia antes”, começou, “porém, nunca senti que funcionou. Eu sempre saía com a sensação de que havia algo de errado *comigo*”. A princípio, sua queixa não parecia algo grave: ele apontava algumas dificuldades em estabelecer relacionamentos, crises de ansiedade e uma sensação constante de inadequação. Todavia, ao escutá-lo, ficou claro que as marcas mais profundas não eram frutos somente das suas vivências pessoais, mas da maneira como fora escutado anteriormente.

Pedro contou-me que, em análises passadas, seu desejo era frequentemente marginalizado. Ouvia insinuações sobre traumas infantis mal resolvidos e comentários que tentavam explicar sua orientação sexual como se ela fosse um problema. “Era como se eu precisasse justificar quem sou, e não consigo mais fazer isso”, disse ele, com o choro embargado. Sentia-se mutilado, emocionalmente despido, como se partes de si mesmo tivessem sido arrancadas e expostas ao julgamento – excessivamente mostradas, conforme a definição de Baudrillard (2001).

Com Pedro, minha escuta começou no ponto em que as palavras pareciam impossíveis. Sua narrativa, fragmentada e marcada pela desconfiança, exigiu de mim, enquanto analista, uma postura que Bion descreve como a capacidade de “sonhar com o paciente” – sustentar suas angústias não verbalizadas sem oferecer interpretações apressadas ou invasivas. Bion (1962/2021)⁴ nos alerta que, para lidar com os elementos mais primitivos da mente, o analista deve “funcionar” como um continente capaz de receber e transformar os estados emocionais brutos do paciente.

Ao longo das primeiras sessões, Pedro ficava em silêncio por extensos períodos, apenas olhando para o chão. Eu me perguntava: o que seria esse silêncio? Não se tratava de um vazio, mas uma mensagem

4 Na teoria de Bion (1962/2021), a relação entre continente e contido é representada pelos símbolos ♂ (masculino) e ♀ (feminino), respectivamente. Esses símbolos ilustram a dinâmica entre o que contém (continente) e o que é contido. Bion utiliza essa relação para explicar como um elemento contido (♂), representando conteúdos mentais, pensamentos ou emoções brutas, é recebido pelo continente (♀), que simboliza a capacidade de acolher, transformar e dar significado a esses conteúdos. Essa relação é essencial para o desenvolvimento emocional e para a capacidade de pensamento, evidenciando a interação simbólica entre opostos complementares.

discreta e densa de sofrimento; ou seja, eram cicatrizes psíquicas provenientes das violências que ele sofreu nos espaços que deveriam ter sido psicoterapêuticos. Não interpretei nem intervi. Limitei-me a estar presente, inspirando-me no que Winnicott (1963/2022a) chamou de “ser encontrado”, oferecendo-lhe um ambiente para existir sem a expectativa de performar ou de se justificar.

Após meses de trabalho silencioso, Pedro começou a revisitar memórias da sua infância. Contou-me como adorava desenhar, mas abandonou o hábito porque “não era coisa de homem”. Dizia, com uma mistura de repetição e ressentimento, sobre seu jeito peculiar de andar, de falar e de se expressar, sempre alvo de críticas constantes dos pais e dos colegas de escola. Não pude deixar de me lembrar de uma passagem arrebatadora de *O fim de Eddy*, de Édouard Louis, que li recentemente:

Assim que comecei a me expressar, a entrar na linguagem, minha voz espontaneamente adquiriu entonação feminina. Ela era mais aguda do que a dos outros garotos. A cada vez que eu falava, minhas mãos se agitavam freneticamente, em todos os sentidos, se retorciam, revolviam o ar. Meus pais chamavam isso de ares, me diziam, *Pare com esses seus ares*. Eles se perguntavam *Por que Eddy se comporta como uma mocinha?* [...] Eles pensavam que eu tinha escolhido ser afeminado, como uma estética própria que eu tivesse perseguido a fim de desagradá-los. No entanto, eu mesmo ignorava as causas daquilo que eu era. Eu era dominado, subjugado por esses trejeitos e não escolhia usar aquela voz aguda. (Louis, 2018, pp. 25-26, grifos do autor)

Em um momento de espontaneidade, perguntei a Pedro se ele se recordava de algum desenho que gostaria de refazer. Ele riu e disse que não desenhava há anos. Entretanto, para a minha surpresa, ele trouxe papéis e canetas na sessão seguinte. Ali, ele começou a transitar por aquilo que, na teoria winnicottiana, chamamos de *área transicional*⁵; um “lugar” onde o brincar se torna possível, onde o self verdadeiro começa a emergir, lenta e gradualmente.

Esses desenhos iniciais eram simples, porém, eles eram carregados de significados. Num deles, uma casa parecia flutuar em um vazio branco, sem chão. “Acho que é assim que me sinto”, disse ele. Era a primeira vez que Pedro colocava em palavras o que antes parecia impossível de ser nomeado.

Com o tempo, ele passou a se conectar mais com suas experiências de dor e desejo. Voltando à teoria, Bion (1965/1983) descreve a importância de sustentar o contato com o “O” – o desconhecido e inefável –

5 Nesse sentido, Gurfinkel (2017) nos dirá que: “[...] ao propor a “terceira área” da experiência, Winnicott conferiu um status teórico e epistemológico para o *entre*: um lugar para os encontros potenciais, bem como os desencontros mais ou menos inevitáveis. Não se trata apenas de uma fronteira entre o interno e o externo, mas de um espaço específico primordial [...]. Este espaço é o reino das passagens, das travessias, das jornadas – entre o autoerotismo e a relação de objeto, entre o Eu e o outro, entre o self e o mundo –, o reino do experimentar e do experimentar-se na relação com a realidade; enfim, o reino do brincar e do sonhar, concebidos como formas simbólicas e altamente sofisticadas de comunicação *intra* e *intersubjetiva*” (Gurfinkel, 2017, p. 383, grifos meus).

como um processo de *transformação*. Dito de outro modo, não seria prudente, naquela ocasião, interpretar cada desenho ou relato de Pedro; era preciso, primeiramente, criar um terreno onde ele pudesse começar a dar sentido ao que antes era caótico e doloroso. Pouco a pouco, ele começou a reconstruir sua narrativa, ressignificando sua relação consigo mesmo (e com a análise).

Para entendermos melhor essa ideia, é preciso se debruçar sobre o livro *Transformações* (1965/1983), em que Bion desenvolveu a noção de O. Para o autor, o foco do trabalho analítico está no *aprendizado* a partir da experiência emocional compartilhada entre analista e paciente durante a sessão. Isto é: além dos processos mentais do analisando, o analista deve considerar também os seus próprios movimentos mentais, as suas emoções e a interação que se estabelece entre ambos. A análise, portanto, transforma-se em um encontro dinâmico, em que “nenhum dos fenômenos naquele campo pode ser ignorado, porque todos interagem” (p. 62).

Para Bion, o analista não acessa os fenômenos em si, ou O –a coisa-em-si–, mas sim suas *transformações*. Essa concepção implica que o mesmo fenômeno pode ser interpretado sob diferentes perspectivas, com múltiplos significados igualmente válidos, dependendo do vértice adotado pelo observador. Dessa forma, a figura do analista neutro e passivo dá lugar a um analista ativo, cuja mente está em constante interação e movimento. Logo, “a interpretação deve fazer mais do que aumentar o conhecimento” (Bion, 1965/1983, pp. 148-149).

O conceito de transformações, por sua vez, está intrinsecamente ligado ao de invariância; isto é, para que um fenômeno seja transformado, certas características fundamentais dele devem permanecer constantes. Caso contrário, não estaríamos diante de uma transformação, mas de uma experiência completamente distinta.

Quando Pedro descreveu o vazio que sustentava sua casa flutuante, percebi que estávamos tocando um lugar em que a dor começava a ganhar forma – ainda frágil, ainda hesitante, mas já visível. “Não tem chão porque não sei onde estou”, ele disse, com uma franqueza que parecia romper anos de silêncio guardado. Olhei para o papel, agora atravessado por linhas, e vi nele o esboço de um chão possível, uma tentativa de erguer aquele alicerce emocional que, por tanto tempo, lhe havia sido recusado. Nas palavras de Ogden:

Bion insiste que, enquanto psicanalistas, devemos abandonar o desejo de entender e, em vez disso, engajar-nos o quanto possível na *experiência de estar* com o paciente. Devemos “cultivar uma vigilante evitação da memória”, porque a memória é o que pensamos saber com base no que deixou de existir e de ser cognoscível. Também devemos renunciar a “desejos de resultados,

de ‘cura’ ou mesmo de compreensão”. [...] Esta é a marca do pensamento ontológico bioniano: *ser e estar suplantaram a compreensão* – o analista não chega a conhecer, entender, compreender ou apreender a realidade do que está acontecendo numa sessão; pelo contrário, ele “intui” a realidade e *torna-se “um”* com ela: *está* totalmente presente ao *vivenciar* o momento presente (Ogden, 2020, pp. 30-31, grifos meus e do autor).

Não obstante, é preciso salientar que a noção de *reverie*, desenvolvida por Bion (1962/2021), também carrega em si um aspecto fortemente ontológico. Esse estado especial de devaneio representa uma abertura receptiva às experiências perturbadoras e ainda não processadas pelo analisando – aquilo que ele, sozinho, não consegue “sonhar”. De acordo com a teoria bioniana, a *reverie* é o fenômeno em que o analista (ou a mãe) se torna um continente para a dor psíquica do outro, oferecendo, assim, uma possibilidade de simbolização de uma experiência até então impensável.

Em uma análise, a *reverie*, muitas vezes, manifesta-se de forma sutil, através de pensamentos cotidianos e aparentemente banais do analista – como destacou Ogden (2013). É nesse estado de presença inconsciente que podemos captar os fragmentos de uma vivência que o paciente não consegue formular, oferecendo de volta, de maneira transformada, algo que o indivíduo possa começar a integrar em sua narrativa. Tal devolução, porém, não é feita “sobre” o conteúdo, mas a partir de uma experiência viva de *reverie* – de “estar com”.

Quando Pedro trouxe o desenho de uma casa flutuando no vazio, aquela imagem representava, para mim, um testemunho de algo que ele não conseguia expressar com palavras. Ao sustentar a ocasião, sem buscar interpretações apressadas, permiti que o desenho se tornasse um “sonho compartilhado”. A casa sem chão simbolizava um reflexo do seu desamparo; todavia, naquele momento, tornou-se também uma metáfora de algo que podia ser *transformado*.

Gradualmente, os desenhos de Pedro evoluíram. Uma figura humana começou a aparecer, pequena, tímida, mas presente. Em uma das sessões, ele disse: “Acho que sou eu, mas ainda não consigo ver o rosto”. A meu ver, era como se ele estivesse esboçando o próprio self, peça por peça, dentro daquele lugar seguro que construímos juntos. Winnicott (1960/2022b) nos lembra que, para o verdadeiro self emergir, é necessário um ambiente suficientemente bom, em que o analista sustente (*holding*)⁶ e não invada, permitindo que o paciente se reconecte com a sua espontaneidade perdida. Segundo o psicanalista britânico (Winnicott, 1960/2022b, p. 186): “Nos exemplos extremos do desenvolvimen-

6 Sobre essa questão na obra winnicottiana, ver Almeida & Vieira, 2023.

to do falso self, o self verdadeiro fica tão bem escondido que a espontaneidade não é um aspecto das experiências vividas pelo bebê”. Nesses casos “O aspecto da submissão se torna o principal, com a imitação como uma especialidade”.

Pois bem, à medida que Pedro continuava a explorar o papel em branco, a sensação de que ele estava resgatando algo fundamental da sua personalidade se tornava mais palpável. Cada traço desenhado parecia uma tentativa de desenterrar fragmentos esquecidos de si mesmo, partes que haviam sido sufocadas pela necessidade de se moldar às expectativas externas. Eu sentia como se, aos poucos, o falso self, tão meticulosamente construído para sobreviver às críticas e ao julgamento, começasse a ceder espaço para algo mais genuíno – isto é, uma experiência vivida em primeira pessoa.

Um dia, Pedro trouxe um desenho diferente. Era uma figura que estava de pé sobre uma linha que atravessava o papel, como se finalmente houvesse um chão. Ele olhou para mim, hesitante, e disse: “Ainda não sei como é estar de pé, mas acho que estou tentando”. Percebi aquele momento como uma *transformação*, guiada pela transição do vazio para a possibilidade de habitar o próprio lugar no mundo.

Nesse instante, lembrei-me de Bion (1965/1983) e de sua noção de K e O – o saber (*knowledge*) e o tornar-se. Pedro não estava simplesmente “aprendendo” algo novo sobre si mesmo; ele estava experimentando o processo de *vir a ser*. O chão, em seu desenho, significava mais do que uma metáfora; era a manifestação de uma mudança no campo analítico, em que o desconhecido começava a se transformar em algo passível de ser vivido e enfrentado.

É importante ressaltar, aqui, que esse progresso não foi linear. Em várias sessões, Pedro voltou ao vazio, desenhando figuras desconectadas ou apagando tudo o que havia feito antes. Para Winnicott (1954/2021a), esses momentos de aparente regressão são parte natural do processo de integração psíquica, em que o paciente precisa revisitar o caos para poder avançar. O analista, portanto, deve sustentar essa experiência emocional, permitindo que o paciente possa descongelar aspectos do seu amadurecimento que ficaram congelados.

Durante o tratamento de Pedro, minha escuta precisou abandonar qualquer tentativa de enquadrá-lo ou ajustá-lo a um modelo preexistente. O que estava em jogo não era apenas a reconstrução de uma narrativa, mas a aceitação de que – como nos lembra Bion – o trabalho analítico é um movimento constante entre o desconhecido e as transformações que ele permite. Pedro não precisava ser corrigido; precisava ser ouvido. No encontro com o outro – comigo, com seus desenhos, com sua história –, ele começou a encontrar o próprio rosto.

Algumas palavras finais

Ao definir a noção de “psicanálise ontológica”, Ogden (2020) afirma:

Na psicanálise ontológica, o conhecimento adquirido por paciente e analista não é o ponto central; pelo contrário, trata-se da experiência do paciente que “chegará à compreensão criativamente, e com imensa alegria”, experiência na qual ele está engajado não predominantemente por buscar autoentendimento, mas por estar num processo de *tornar-se* mais plenamente si mesmo. (Ogden, 2020, p. 26, grifos meus)

Esse “tornar-se” que Ogden propõe exige do analista não somente técnica, mas uma disposição ética e estética. Ora, é preciso estar disposto a sustentar o incognoscível, o caos e a beleza que emergem quando o analisando se aproxima do que há de mais verdadeiro em si. No entanto, essa travessia é frequentemente truncada pela presença de preconceitos culturais que permeiam a nossa escuta. O que deveria ser um encontro de liberdade e criatividade, não raramente, torna-se um tribunal no qual o desejo é julgado e moldado – ainda que inconscientemente.

Lembremos, mais uma vez, da coragem de Freud (1905/2016) que, ao nomear a sexualidade infantil, desafiou os alicerces morais de sua época, sendo acusado de trazer o obsceno para o centro do discurso científico. Paradoxalmente, a psicanálise que inaugurou esse espaço subversivo de escuta corre o risco de perpetuar os mesmos mecanismos de exclusão que buscou questionar. A homossexualidade, ainda hoje, é frequentemente tratada como uma anomalia ou como um “excesso” que deve ser refreado, algo que permanece fora da cena legítima da psique. Estou de pleno acordo com Jorge Reitter quando ele afirma:

Acredito que, no fundo, a psicanálise não sabe o que fazer com a “sexualidade” porque ao incorporar esse conceito, introduziu, inadvertidamente, um cavalo de Troia em sua teorização, uma categoria cuja genealogia ela desconhece e que por isso mesmo a leva, o tempo todo, a situações paradoxais. Por exemplo, não consegue resolver que lugar dar, ou não dar, à questão gay (Reitter, 2021, p. 63).

Para mim, o verdadeiro obsceno consiste na violência silenciosa que ocorre quando o analista se recusa a acolher a narrativa do outro (e sua respectiva singularidade). É obsceno reduzir a complexidade de um ser humano a categorias normativas, negando-lhe o direito de existir em sua

plenitude. É obsceno quando a escuta é contaminada por preconceitos heteronormativos, apagando o potencial criativo oriundo do processo analítico.

Pedro, em seus desenhos e palavras, é a prova viva do impacto dessa violência. Sua casa flutuante sem chão simbolizava o reflexo do desamparo que sentia diante de um mundo que o negava. A presença de um analista disposto a sustentar o vazio, sem impor interpretações redutoras, permitiu que ele começasse a desenhar um chão, a criar um *lugar* onde pudesse existir.

Antes de finalizar, preciso confessar algo de importante aos leitores: escolhi chamar esse caso de “Pedro” porque, na metáfora bíblica, Pedro é a pedra sobre a qual se edifica uma nova possibilidade. Assim como o apóstolo que vacilou antes de se tornar um pilar, o meu paciente carregava as marcas da sua fragilidade, os equívocos das escutas que o antecederam, mas também a potência de poder se reconstruir. Pedro, na narrativa cristã, nega o que ama antes de aceitar o chamado para uma nova verdade. No divã, “meu Pedro” também estava diante da sua própria negação – não do desejo em si, mas da liberdade de vivê-lo sem culpas ou molduras impostas de fora para dentro.

Ao pensar na figura de Pedro, lembramos que a pedra não é imutável; ela carrega sua história de erosão e resistência. No caso do meu paciente, as escutas violentas foram as ferramentas que tentaram moldá-lo à força, desgastando-o até quase apagá-lo. Ainda assim, como a pedra que persiste ao longo do tempo, ele guardava a possibilidade de *reconstrução*.

Esse jogo metafórico entre a figura bíblica e o nome atribuído ao meu analisando me remete também a uma provocação: se, na tradição religiosa, Pedro é a base para o sagrado, o que seria sagrado no espaço analítico? Acredito que é justamente o que Winnicott (1960/2022b) descreveu como o self verdadeiro – aquele que advém da confiança suficiente no ambiente cuidador. Em Pedro, vi não apenas a pedra desgastada, mas também o potencial de ser reerguido como uma fonte de vida, como a base de um desejo que não precisa mais se esconder.

Como analista assumidamente gay, levo ao consultório não somente a técnica e a teoria, mas, principalmente, a minha humanidade. Meu lugar no mundo – que carrega as marcas da minha sexualidade, experiências e lutas – encontra eco em muitos dos indivíduos que me procuram. É verdade que, para alguns, minha sexualidade pode soar como algo “obsceno”, no sentido freudiano do termo: aquilo que, ao ser exposto, desestabiliza o conforto de certas normas e convenções. Entretanto, a psicanálise, desde sua gênese, nunca foi uma prática que buscasse conforto; ela se propõe a desvelar, a enfrentar o que permanece nas sombras.

O fato de ser gay não é uma condição para compreender as dores da exclusão. Qualquer analista, independentemente de sua orientação sexual, pode reconhecer, em sua própria história, momentos de inadequação e/ou rejeição. Essas vivências, quando elaboradas, tornam-se uma ferramenta de valor inestimável para acolher o sofrimento alheio.

A exclusão, seja ela de ordem sexual, racial, social ou de gênero, é uma experiência de ruptura com o senso de pertencimento. Quando o sujeito sente que precisa esconder aspectos centrais de quem é para ser aceito, o self verdadeiro é abafado, como Winnicott (1960/2022b) bem pontuou, e um falso self emerge para se adequar às expectativas do ambiente. Isso significa uma mutilação do potencial de viver com espontaneidade.

Ao fim de muitas sessões, percebo que o nosso ofício é, em sua essência, um ato de coragem. Coragem de olhar para o que foi renegado, de suportar o desconforto de questionar verdades e de renunciar à segurança do conhecido. Para o analista, é também o desafio de oferecer uma escuta genuína, livre dos preconceitos que ainda permeiam a nossa sociedade e, muitas vezes, a nossa própria formação (Almeida, 2023).

Pensando no tema, proponho a seguinte reflexão: se o obsceno é aquilo que foi arrancado de seu lugar e exposto de forma violenta, talvez uma das maiores dificuldades da psicanálise contemporânea seja devolver ao desejo homossexual seu lugar de legitimidade – não como algo a ser corrigido ou explicado, mas como uma manifestação vibrante da vida psíquica. Que possamos, como analistas, tornar-nos suficientemente bons para sustentar essa experiência sem recuar diante do que nos confronta.



Resumo Neste artigo, são discutidas as limitações da psicanálise diante do desejo homossexual, frequentemente tratado como obsceno e relegado ao espaço do indizível. Argumenta-se que essa postura heteronormativa frequentemente contradiz muitos dos princípios fundadores da nossa disciplina, restringindo seu potencial transformador. Trabalhando com as ideias de Winnicott sobre espontaneidade e verdadeiro self, bem como alguns conceitos de Bion, especialmente as “transformações em O”, o texto propõe a prática de uma ética analítica acolhedora e comprometida com a criação de um espaço relacional que permita o surgimento autêntico do ser. Para tanto, utiliza-se um caso clínico que, ao mesmo tempo, traz a intenção de articular a noção de psicanálise ontológica, criada por Thomas Ogden (2020).

Palavras-chave psicanálise, homossexualidade, obsceno, Winnicott, Bion.

The Obscene and Homosexuality: Considerations from Ontological Psychoanalysis

Abstract This article discusses the limitations of psychoanalysis when addressing homosexual desire, which is often treated as obscene and relegated to the realm of the unspeakable. It is argued that this heteronormative stance contradicts many of the foundational principles of the discipline, thereby restricting its transformative potential. Drawing on Winnicott’s ideas of spontaneity and the true self, as well as Bion’s concepts, particularly “transformations in O,” the text proposes an analytic ethics that is welcoming and committed to creating a relational space that allows for the authentic emergence of the self. To illustrate this approach, a clinical case is utilized; the case is also used to articulate the notion of ontological psychoanalysis as conceptualized by Thomas Ogden (2020).

Keywords psychoanalysis, homosexuality, obscene, Winnicott, Bion.

Referências

- Almeida, A. P., & Naffah Neto, A. (2025). Defesas psicóticas em cena: uma leitura winnicottiana do “Homem dos Lobos”. In A. P. Almeida, A. Naffah Neto & F. P. Vieira, *A clínica winnicottiana: os casos difíceis*. Blucher.
- Almeida, A. P. (2023). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. Blucher.
- Almeida, A. P., & Vieira, F. P. (2023). Nem tudo é holding na clínica winnicottiana. In S. Gomes (Org), *Winnicott: seminários mineiros*. INM Editora.
- Baudrillard, J. (2001). *Senhas*. Difel.

- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. Tavistock.
- _____. (1983). *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento*. Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- _____. (2021). *Aprender da experiência*. Blucher. (Trabalho original publicado em 1962)
- Cunha, E. L. (2020). Posfácio. Para além da questão homossexual: a psicanálise em sociedade. In L. C. Bulamah, *História de uma regra não escrita: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico*. Zagodoni.
- Freud, S. (2010a). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In S. Freud, *Obras completas, vol. 10*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- _____. (2010b). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In S. Freud, *Obras completas, vol. 14*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918[1914])
- _____. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas, vol. 6*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- _____. (2018). *Manuscrito inédito de 1931*. Blucher. (Trabalho original escrito em 1931)
- Gurfinkel, D. (2017). *Relações de objeto*. Blucher.
- Kehl, M. R. (2023). *Sobre ética e psicanálise* (2ª ed. revista e ampliada). INM Editora.
- Louis, E. (2018). *O fim de Eddy*. Planeta.
- Ogden, T. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano*. Escuta.
- _____. (2020). Psicanálise ontológica ou “O que você quer ser quando crescer?”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 22-45.
- Reitter, J. N. (2021). *Édipo gay: heteronormatividade e psicanálise*. Zagodoni.
- Winnicott, D. W. (2021a). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Texto original publicado em 1954)
- _____. (2021b). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Texto original publicado em 1945)
- _____. (2022a). Comunicação e não comunicação levando ao estudo de certos opostos. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1963)
- _____. (2022b). Distorção do ego em termos de self verdadeiro e falso self. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1960)

DOI
10.5935/0101-3106.V47N79.07